

CONVERGÊNCIA E DIVERGÊNCIA ENTRE O LÉXICO DO INGLÊS E O LÉXICO DO PORTUGUÊS

Maria Adelaide de Araújo Nunes

INESC

RESUMO

Factores de ordem vária levaram a que se procedesse à importação, directa ou indirecta, de vocábulos de origem latina em diversos períodos da história da Língua Inglesa.

De um modo geral, os cognatos latinos do Inglês e do Português só até certo ponto permitem a transferência de significado entre estas duas línguas - não tendo conteúdo totalmente coincidente, podem constituir verdadeiras armadilhas para um utilizador desprevenido.

Nesta comunicação discutirei alguns aspectos da interferência que se verifica entre o léxico do Inglês e o léxico do Português em presença desses e de outros verdadeiros 'amigos da onça', pitoresca e justificada tradução proposta por L. S. Downes para o conhecido termo 'false friends'.

Partindo do confronto de dois manuais que, tomando o Inglês como ponto de referência, apresentam recolhas de 'false friends', proporei um primeiro conjunto de critérios para a construção de um verificador de interferência que tenha como objectivo prioritário a detecção de 'amigos da onça', relevantes para o par de línguas Inglês - Português.

Problematizarei também a questão da reversibilidade, como princípio aplicável, ou não, na elaboração desse verificador de interferência, sem esquecer o 'efeito de ricochete' que muitas vezes surge entre o léxico do Inglês e o léxico do Português em presença de 'false friends'.

I

O termo 'false friends' é vulgarmente utilizado para designar vocábulos que, tendo tido uma origem comum, evoluíram de modo diverso em línguas distintas.¹

A identidade parcial é por definição enganosa: se facilita a convergência, camufla também em maior ou menor grau a divergência. Sendo característica intrínseca dos chamados 'false friends', origina frequentemente equívocos, tornando-se por vezes muito difícil demarcar o que é comum do que é diferente.

Surgem assim manuais didácticos que tentam 'sanar' a interferência que normalmente ocorre em presença de 'false friends'.

Entre esses manuais incluem-se A Dictionary of False Friends, de R. J. Hill, e Palavras Amigas da Onça, de L. S. Downes, que têm em comum apresentarem listas alfabéticas de vocábulos eventualmente problemáticos quando o Inglês é utilizado como língua estrangeira, mas que diferem em vários aspectos.

A perspectiva de A Dictionary of False Friends é multilingue, sendo tomadas como possíveis línguas de chegada ('target languages') o Português (Brasil), o Espanhol, o Italiano, o Francês, o Holandês, o Alemão (Alemanha e Suíça), o Dinamarquês, o Norueguês, o Sueco, o Grego, o Árabe, o Turco e o Japonês.

O termo 'false friends' abrange vocábulos de procedência variada - no caso particular do Inglês e do Português, grande parte dos 'false friends' são cognatos latinos, mas também vocábulos de raiz não-latina, como 'handicap', podem ser fonte de engano entre estas duas línguas.

Por outro lado, embora se distinga entre o uso de certas expressões em Inglês Britânico e em Inglês Americano, subentende-se que a língua de partida ('source language') em foco é o Inglês Britânico.²

A Dictionary of False Friends está dividido em duas partes: numa primeira parte, contrapõe-se a uma expressão do Inglês o significado que poderia ser erradamente assumido como seu nas línguas de chegada relevantes (por exemplo: '*the active and the passive ≠ the assets and liabilities [P, E, I, F, NI, D, Dk, N, S, Tr]*'); numa segunda parte, apresenta-se um breve comentário em que se explica qual o significado real dessa expressão em Inglês (por exemplo: '*active (n) the active and the passive (both n) used in grammar to describe the mood of verbs*'). (Hill 1982 : 3 ; 182)

Como se pode verificar através do exemplo citado, a perspectiva multilingue tem neste caso como resultado uma análise em termos monolingues, não chegando a ser explicitada a expressão de cada língua de chegada que forma com a expressão da língua de partida um par de 'false friends'.

Creio que esta é uma das desvantagens do manual em questão; outra será a inclusão de vocábulos do Inglês que, nem a nível escrito, nem a nível sonoro, verdadeiramente se assemelham ao vocábulo do Português sugerido (caso de '*ace*', que, aparentemente, é aproximado de '*asa*').³

A perspectiva de Palavras Amigas da Onça, pelo contrário, é bilingue, sendo dito por L. S. Downes na Introdução que as duas línguas essencialmente em confronto são o Português do Brasil e o Inglês Britânico.

²Uma palavra tão comum como '*gas*', por exemplo, 'false friend' de '*gás*', quando usada por '*gasoline*' em Inglês Americano, não foi incluída.

³R. J. Hill refere na Introdução que a principal fonte de referência para a sua análise de 'false friends' foram dicionários bilingues, o que poderá estar na base de admitir uma semelhança de origem estritamente gráfica como critério de inclusão no seu dicionário - critério que considero discutível para a classificação de 'false friends'.

Mas, o autor não deixa de se referir ao Inglês Americano e ao Português Europeu, quando existe divergência entre o primeiro e o Inglês Britânico, ou entre o segundo e o Português do Brasil, quanto ao significado e emprego de 'false friends'.

A cada vocábulo ou expressão do Inglês, seleccionado como potencial 'amigo da onça' de um vocábulo ou expressão do Português, corresponde uma descrição concisa, mas rigorosa, do seu conteúdo e utilização em Inglês, ilustrada por exemplos; paralelamente, fornecem-se também exemplos da utilização do eventual 'false friend' em Português, cujo conteúdo é também analisado.

Assim, a título de exemplo, a '*actually*' é contraposto '*actualmente*', clarificando-se que o primeiro '*is usually concerned with reality*' e o segundo '*always refers to present time*', apresentando-se exemplos apropriados de uma e outra destas palavras em cada uma das línguas em questão. (Downes 1980 : 3)

Trata-se de um trabalho interessante, fundamentado pelos conhecimentos do próprio autor, e que teve como ponto de partida os 'deslizes', quer de alunos Brasileiros aprendendo o Inglês como língua estrangeira, quer de residentes Ingleses, tentando compreender e utilizar o Português no Brasil.

Embora não especificamente visando a recolha exaustiva de 'false friends', manuais como Longman Dictionary of Common Errors ou Practical English Usage, incluem também 'false friends', que analisam de uma perspectiva multilingue - em termos monolingues, mas sempre contextualizando a sua utilização correcta em Inglês.

II.

Qualquer dos trabalhos mencionados na secção anterior foi fundamentalmente pensado como material de apoio ao ensino e à aprendizagem, nomeadamente a nível do que é designado por TEFL (Teaching English as a Foreign Language) e EFL (English as a Foreign Language).

Podendo auxiliar quem, a nível geral, tenha de comunicar em Inglês, tornam-se talvez demasiado heterogêneos quando apenas se pretende um meio funcional de tornejar alguns 'escolhos' resultantes de uma parecença, em maior ou menor grau ilusória, entre vocábulos ou expressões do Inglês e de outras línguas.

Por 'demasiado heterogêneos' entenda-se o facto de, ou não constituírem exclusivamente uma recolha de 'false friends', ou incluírem vocabulário que raramente ocorre na linguagem corrente, porque caíu em desuso ou porque apenas é utilizado num contexto muito particular.⁴

Para a definição da cobertura lexical de um possível verificador de interferência do Inglês no Português, e vice-versa, que tenha como fulcro expressões dessas duas línguas que possam formar pares de 'false friends', os manuais citados podem constituir uma primeira base de trabalho.

A sua utilização como ponto de referência implica, no entanto, uma dupla triagem: em primeiro lugar, nem tudo o que habitualmente se inclui sob a designação de 'false friends', tomando o Inglês como língua de partida, é relevante para o par de línguas Inglês - Português; em segundo lugar, nessa fase inicial, de entre os vocábulos ou expressões relevantes, serão considerados prioritários aqueles que, num registo tão neutro quanto possível, mas actualizado, mais problemáticos se revelem no caso desse par de línguas.

Numa fase posterior, o núcleo vocabular assim obtido poderá ser, por um lado, restringido, e por outro, alargado, se se pretender trabalhar no âmbito de um registo específico - é, aliás, a nível da linguagem técnica que se formam hoje em dia com grande facilidade novos pares de 'false friends'.

A perspectiva a adoptar na construção desse verificador é, como se depreende, bilingue, mas com o seguinte pressuposto adicional: integrado num processador de texto, esse instrumento anulará a distinção entre língua de partida e língua de chegada, nos termos que a seguir se explicita.

Desde que minimamente exposta ao contacto com uma língua estrangeira, qualquer pessoa está 'a priori' sujeita à interferência da língua estrangeira na língua-mãe e à interferência da língua-mãe na língua estrangeira.

Mas, quando existe interferência, é por vezes quase impossível determinar a sua origem - o caso dos 'false friends' é, nesta acepção, exemplar.

A distinção entre língua de partida e língua de chegada, que é habitual fazer-se a nível da tradução propriamente dita, perde relevância no caso em análise, pois é na fronteira entre ambas que operam as relações entre vocábulos de línguas distintas que formam pares de 'false friends'.

Por exemplo, quando um Português em contacto com o Inglês Americano utiliza 'basicamente' como suporte de linguagem, fá-lo: (i) por 'contágio' de 'basically'? (ii) por associar 'basicamente' a 'básico' na sua própria língua? (iii) por efeito de ambas estas circunstâncias?

Alternativamente, se um Inglês interpretar 'compromisso' como equivalendo a 'compromise', ou um Português 'compromise' como equivalendo a 'compromisso', até que ponto não são levados a fazê-lo porque, embora não equivalentes, um e outro destes vocábulos aludem a uma 'promessa mútua' entre as partes envolvidas?

Frequentemente, um mero indício de semelhança é suficiente para que se tirem conclusões precipitadas quanto ao uso de uma determinada expressão numa língua estrangeira, por paralelismo com a língua-mãe. Se essa semelhança é marcante, mas não existe real ou total identidade de conteúdo, estão criadas as condições para que ocorra transferência negativa.

Contudo, par a par com essa transferência negativa, existe também quase sempre transferência positiva entre os elementos de um par de 'false friends' - é justamente este aspecto que, na generalidade dos casos, não é suficientemente enfatizado por manuais didácticos como os já citados na secção anterior.

⁴Cf. 'alumnus' e 'azure'. (Downes 1980: 5; 13)

Realçando a diferença que existe entre os elementos que integram qualquer par de 'false friends', esquecem, ou relegam para um segundo plano, o facto de só serem 'false friends' porque têm (ou pelo menos tiveram) algo em comum.

É essa contraditória duplicidade, essência de um genuíno 'amigo da onça', que penso poder ser um pouco mais explorada, constituindo o critério fundamental de um verificador de interferência em que o Português e o Inglês funcionem indiferentemente como origem ('source') e objectivo ('target') de transferência de significado.

Em abstracto, o esqueleto da codificação a adoptar poderá ser algo como:

$A \Rightarrow B$

\Leftarrow

$A \neq B$

O que, nos exemplos abaixo, será representado como:

$A \Rightarrow \Leftarrow B$

$A \neq B$

1.

$EN \Rightarrow \Leftarrow PT$

$EN \neq PT$

determined¹ $\Rightarrow \Leftarrow$ determinado¹

determined¹ \neq determinado²

2.

$EN \Rightarrow \Leftarrow PT$

$EN \neq PT$

economic¹ $\Rightarrow \Leftarrow$ económico¹

economic¹ \neq económico²

$PT \Rightarrow \Leftarrow EN$

$PT \neq EN$

económico² $\Rightarrow \Leftarrow$ economical¹

económico¹ \neq economical¹

Qualquer uma das regras de 1. e de 2. é reversível (independentemente do sinal que liga os termos associados) - assim se torna irrelevante distinguir entre língua de partida e língua de chegada.⁵

Tal não significa que os dois termos associados sejam estritamente equivalentes - por isso se optou em 1. e 2. por $\Rightarrow \Leftarrow$, em vez de \Leftrightarrow , no caso de um poder traduzir o outro, contrastando com \neq , que assinala que não é de todo possível traduzir um pelo outro.⁶

É certo que existem situações extremas em que o primeiro tipo de regra enunciada ($A \Rightarrow \Leftarrow B$) não se verifica - como acontece com 'smoking', palavra importada do Inglês, que vingou em Português na acepção de um trajo de cerimónia: EN 'smoking jacket' > PT 'smoking'.⁷

Mas, mesmo em casos desses, há alguma semelhança entre 'false friends' - apenas a nível da forma hoje em dia, enquanto anteriormente existia também a nível do significado.

⁵Repare-se que o esquema sugerido reproduz a ambiguidade do processo mental a que se aludiu na página anterior: não interessa em que língua se está a escrever (que até pode não ser aquela em que se está a pensar), mas sim que se esteja a escrever em Português ou em Inglês ... O que, se houver conhecimento prévio destas línguas, torna provável o aparecimento de um ou outro 'amigo da onça', sob a 'pele' do Português ou do Inglês.

⁶Ou seja, $\Rightarrow \Leftarrow$ simboliza convergência de forma, em paralelo com (alguma) convergência de significado, enquanto \neq simboliza convergência de forma e divergência de significado.

⁷Ao explicar a importação de 'smoking', L. S. Downes refere também uma 'tradução' extremamente curiosa de 'no smoking', comum em certos contextos, na primeira metade do século, no Brasil. (Downes 1980 : 140 - 141)

Por outras palavras, entre o 'smoking' Português e 'smoking' em Inglês haverá no presente divergência de significado, mas convergência de forma, logo identidade parcial, como é hábito encontrar-se entre 'false friends'.

Característica essa que aproxima cada um dos elementos de um par de 'false friends' de outros tantos vocábulos ou expressões em cada uma das línguas relevantes, criando redes de relações que por vezes se cruzam com aquelas que operam entre os próprios elementos do par original.

Assim surge o 'efeito de ricochete', que, por exemplo, é instanciado por 'able', geralmente 'capaz', mas que também pode ser 'hábil' ou 'habilidoso', e que tem pontos de contacto com 'capable', que pode também ser 'capaz', ou mesmo 'hábil' ou 'habilidoso' ... se bem que o uso de cada um destes vocábulos se distinga clara ou subtilmente do uso de cada um dos outros.

Voltando às regras esquematizadas em 1. e 2., à reversibilidade acrescenta-se por conseguinte a recursividade - esta possibilita a expressão da rede de relações a que se aludiu no parágrafo anterior.

Veja-se 'económico', que, variando em significado apenas, pode corresponder a 'economic' ou a 'economical', que variam em forma e significado. Na realidade, 'economic' e 'economical' constituem um exemplo de 'false friends' cuja origem é interna ao Inglês, mas que tem implicações a nível interlínguístico no caso de uma língua como o Português.

Em 2. manteve-se o mesmo modelo de 1. por uma questão de uniformidade e realce, mas bastaria enunciar a relação expressa por $\Rightarrow\Leftarrow$ entre as duas acepções de 'económico', que correspondem aos dois 'falsos gémeos' do Inglês, indiscutivelmente 'amigos da onça' do Português.

Como é sabido, 'economic' (o mais parecido com 'económico') é muitas vezes erradamente utilizado por 'economical'. Assim, 'economic' e 'económico', vocábulos à partida quase 'amigos de peito', já que essencialmente coincidentes na forma e até no significado, acabam por funcionar como 'false friends'.

A escolha de 'determined' e 'determinado' foi também intencional - 'determinado' apenas parcialmente se identifica com 'determined', o que explica a exclusão do que se designou por 'determinado²' no exemplo 1. - mas, a lacuna deixada em aberto não é em última análise preenchida por outra forma etimologicamente próxima de 'determined'.

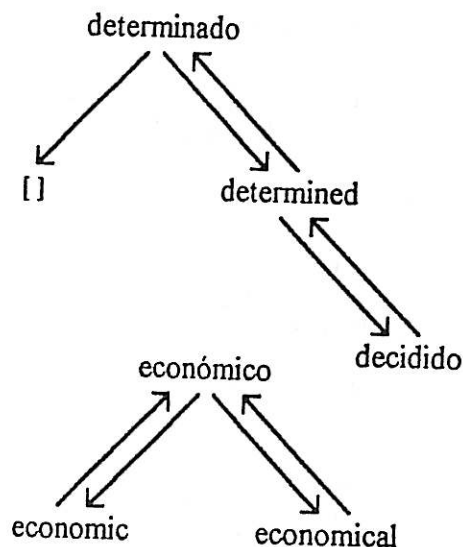
Teoricamente, essa outra forma seria 'determinate'; no entanto, o uso de 'determinate' é raro e restrito hoje em dia, sendo antes vocábulos como 'certain' ou 'specific' que correspondem a 'determinado²'.⁸

Quer 'determined', quer 'determinate', são 'false friends' do Português: na forma, assemelham-se a 'determinado', mas, nem em conjunto, reproduzem cabalmente o uso deste vocábulo.

Por outro lado, embora facultando 'a priori' a interpretação requerida por 'determined' ('resoluto'), 'determinado' é, nessa acepção, frequentemente substituído por 'decidido' - o que levanta a questão de ser antes 'decidido' que verdadeiramente corresponde a 'determined'.

Logo, também 'determinado' é até certo ponto 'amigo da onça' do Inglês.

Recapitulando:



⁸Cf. 'em determinadas circunstâncias' e 'under certain circumstances', por exemplo.

III.

Por natureza oscilando entre pólos opostos, os 'false friends' exibem um maior ou menor grau de identidade, como se tentou indicar no esquema e breve comentário da secção anterior.⁹

O esquema apresentado não pretende esgotar a questão da codificação do material lexical a tratar - evidentemente, terá de ser completado por exemplos apropriados, que permitam a contextualização e descrição do material em causa.

É quanto a este último ponto que se pode colocar o problema de uma prioridade do Inglês ou do Português - como objecto de análise mais detalhada e também como meio de expressão dessa análise.

Para concluir esta primeira abordagem de alguns aspectos relevantes para um verificador de interferência do Inglês no Português e vice-versa, propõe-se que a própria metalinguagem reproduza a dualidade do objecto em análise - a dupla face Inglês - Português e a semi-coincidência ('overlap') sugerem a adopção de uma perspectiva bilingue, não só a nível do levantamento e da contextualização, mas também da descrição.

REFERÊNCIAS

Downes, L. S., Palavras Amigas da Onça (*A Vocabulary of False Friends in English and Portuguese*), Portsmouth, Portsmouth Polytechnic, 1980.

Heaton, J. B., e Turton, N. D., Longman Dictionary of Common Errors, Essex, Longman, 1991.

Hill, R. J., A Dictionary of False Friends, London, The MacMillan Press, 1982.

Swan, M., Practical English Usage, Oxford, OUP, 1981.

⁹Pólos esses que são a total convergência de forma e de significado e a total divergência de forma e de significado.